

A vulgarização do *Verfremdungseffekt*: notas sobre a atualidade do teatro de Brecht na periferia do capitalismo

Davi Dias Ribeiro Arantes

Doutorando em Filosofia na UERJ

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/8035910409464339>

davidias0102@hotmail.com

99

Em 1968, Pasolini escreve o *Manifesto por um novo teatro*, no qual reconhece a inovação promovida por Brecht no teatro, contudo afirma: “além do mais, e isto é certo, os tempos de Brecht findaram para sempre” (2001, p. 6). Este trabalho parte dessa afirmação para refletir sobre a atualidade do “efeito de estranhamento” (*Verfremdungseffekt*) mobilizado por Brecht. Quais foram esses tempos que não voltam mais? E quais elementos políticos e estéticos dessa proposta ainda encontram serventia hoje?

O efeito de estranhamento ou desnaturalização para Brecht busca explicitar ao espectador que aquilo que se vê no teatro é representação. A hipótese aqui é que tal conceito foi vulgarizado, i.e., embora suas ideias circulem mais hoje, o sentido de choque e estranhamento almejado encontra-se esvaziado. Schwarz indica que vivemos uma “sangrenta desorientação, o arbítrio planejado e a desordem induzida não são habituais, familiares ou simples, e nesse sentido os conselhos contrários à sua aceitação inocente chovem no molhado” (1999, p. 142).

Se em Marx lemos “eles não sabem disso, mas o fazem” (Marx, 2017, p. 149), Sloterdijk (2012) reformula a partir da ideia “eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas o fazem ainda assim”. O movimento crítico em Marx não visa apenas desvelar um conteúdo por trás de uma forma – isso a economia política burguesa já fazia –, seu mérito é se debruçar sobre “o segredo dessa própria forma” (Žižek, 2024, p. 42). Hoje, o sujeito já antecipa a distância pretendida pelo dramaturgo, o que lhe é apresentado já foi desvelado, a mentira é vivida como verdade. A desnaturalização brechtiana tornou-se suspeita. Assim, a ideologia não é mera ilusão, algo pode ser objetivamente verdadeiro e

ideológico (Žižek, 1996, p. 12). Schwarz indica um descompasso entre o pensamento brechtiano e o Brasil, no qual o “nosso zé-ninguém” sequer se constituía como sujeito de direito brasileiro, enquanto “para Brecht a superação do mundo capitalista [...] dependiam da lógica do coletivo e da crítica à mitologia burguesa do indivíduo avulso” (1999, p. 146).

Analisar a valência do *Verfremdungseffekt* ao modo de Brecht envolve disjunções frente a realidades periféricas, como a Itália de Pasolini. Em *A exceção e a regra* se indica uma “sangrenta desorientação”, assim, o êxito do *Verfremdungseffekt* é a exceção presente na modernidade, a regra é a periferia. Os questionamentos devem ser alterados: “O que o distanciamento ainda pode agrupar? Que tipo de relação coletiva ele pode construir?” (Carvalho, 2006, p. 171).

Palavras-chave: Brecht. Teatro. *Verfremdungseffekt*. Periferização. Vulgarização.

Bibliografia

CARVALHO, S. de. Questões sobre a atualidade de Brecht. *Sala Preta*, São Paulo, v. 6, p. 167-173, 2006.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

PASOLINI, P. P. Manifesto por um novo teatro (1968). *Folhetim*, Rio de Janeiro, n. 11, p. 4-21, 2001.

SCHWARZ, R. Altos e baixos da atualidade de Brecht. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SLOTTERDIJK, P. *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

ŽIŽEK, S. O espectro da ideologia. In: ŽIŽEK, Slavoj (org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. *O sublime objeto da ideologia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.